

## **A escuta como processo cartográfico pela experiência do corpo como lugar de passagem**

*“Naquele momento, na impossibilidade material de ir mais longe, eu teria sido obrigado a deter-me, sem dúvida, pronto, a rigor, para voltar a partir em sentido inverso, imediatamente ou muito mais tarde, quando, de algum modo, eu me desatarraxasse de mim mesmo depois de ter me bloqueado. Isso teria constituído uma experiência rica em interesse e novidade, se é verdade, como fui levado a dizer sem que pudesse fazê-lo do outro modo, que mesmo o mais pálido caminho comporta um andamento totalmente distinto, uma outra palidez, tanto ao redor quanto ao ir, e inversamente.”*

*(Beckett)*

Transitar é condição primeira para atuar na coordenação de uma equipe de artistas no Programa Vocacional.

O que o corpo experimenta quando transita?

Viajo aos equipamentos e escolho ir de transporte público para que a atenção do meu corpo esteja no ato de transitar pelo caminho, no ambiente da cidade. Observo que o estado de um corpo em trânsito nasce de um mundo visto em movimento. Paisagens, corpos, situações, diálogos, pensamentos, apenas passam por mim e isto quer dizer que não me fixo a nada.

Nasce a minha primeira constatação: transitar é “deixar passar”, permitir-se ser atravessado continuamente. Assim como experimentar processos de criação, o corpo que dança pode tornar-se passagem de estados, memórias, sensações, imagens. O corpo, lugar de passagem, escolhe caminhos, vai, volta pelo sentido inverso, busca novas direções, às vezes fica parado no mesmo lugar, busca despadronizar caminhos... Este corpo-via se identifica com a constatação de Beckett em sua afirmação: *“mesmo o mais pálido caminho comporta um andamento totalmente distinto”*.

Identifico neste processo um agenciamento de desejos pela criação de um corpo como lugar de passagem. Na tentativa de dar voz a este desejo, coloco-me em movimento a partir da criação de um “corpo-via”, “corpo-veia”, corpo que liga ou religa espaços, lugares, estações internas, falas presas, interdidas.

Em cada visita a equipamentos, em cada encontro com artistas, estudo a minha escuta de modo a observar e cartografar em que aspectos dos processos artísticos pedagógicos posso me tornar este corpo-lugar. Pergunto-me: Como posso ser “meio” neste espaço de encontros? Como posso ser o “entre” de um encontro? O que precisa ser religado no cruzamento dos corpos?

*“Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento ‘as linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago.”*<sup>1</sup> – investigar a escuta para o artista contemporâneo, talvez esteja intimamente vinculada a esta proposição de Rolnik sobre o papel do cartógrafo. O artista cartógrafo, interessado em acompanhar os movimentos de transformação da paisagem; artista que cria e recria constantemente para si um corpo poroso e permeável ‘a passagem de falas mais profundas, talvez inconscientes, ‘aos afetos e intensidades que pedem passagem’. O artista do Programa pode experimentar o corpo em estado de escuta aos afetos que pedem passagem, o corpo em estado cartográfico/ antropófago, e isto gera em mim novos agenciamentos de desejos<sup>2</sup>.

Tenho sido movida pela possibilidade de buscar novas vias de passagem a falas que não estão explícitas, falas que não estão sendo escutadas entre coordenadores do NAC e os princípios do Programa Vocacional; desvelar passagens entre a fala de um artista e de um coordenador de cultura e vice-versa; encontrar pontes possíveis das propostas e processos de criação entre vocacionados e artistas.

Observo que há processo de criação no ato de escutar na medida em que fazemos escolhas e que a escuta interfere diretamente na construção da própria fala. Neste sentido, percebo a

---

<sup>1</sup> Rolnik, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*/Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

<sup>2</sup> A palavra desejo é utilizada aqui na concepção trabalhada por Deleuze e Guattari.

Esses autores partem do pressuposto que a realidade é pura produção, composta por singularidades e sustentada pelo desejo, sendo assim, desejo aqui é produtor de realidades, processo de produção de universos psicossociais. O desejo cria a possibilidade de produção, criação, invenção de modos e formas vitais. A realidade é produção desejanse e o desejo é a força motriz que impulsiona a máquina subjetiva, ou seja, que impulsiona o ser humano a produzir, a imergir num devir criador e impulsiona a subjetividade em múltiplas direções. (Deleuze, G., & Guattari, F. (1976) *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago).

escuta como um ato antropofágico<sup>3</sup> no qual somos necessariamente desterritorializados e convidados a reorganizar continuamente os princípios que nos movem. A escuta, como estratégia de produzir desejo, faz com que nunca sejamos os mesmos, e sim um corpo que ao silenciar a cada ato de escutar ‘experimenta uma sucessão ilimitada de singularidades finitas’<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> O sentido etimológico original da palavra "antropófago" (do grego *anthropos*, "homem" e *phagein*, "comer"). O **Manifesto Antropófago** (ou **Manifesto Antropofágico**) foi um Manifesto Literário escrito por Oswald de Andrade, principal agitador cultural do início do Modernismo no Brasil.

<sup>4</sup> Rolnik, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo/Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

*Carolini Lucci é artista, coordenadora da equipe sul 2a no Programa Vocacional Dança. Graduada em Comunicação das Artes do Corpo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é criadora – intérprete no grupo dirigido por Marta Soares.*

## Referências Bibliográficas

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo/Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

DELEUZE, Gilles., & GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976;

LAPOUJADE, David. O Corpo que não aguenta mais. Tradução: Tiago Seixas Themudo. Revisão: Daniel Lins.

As citações de Beckett foram traduzidas por Luiz Orland em “O Corpo que não aguenta mais”.

